

*Antropologia e Literatura: aproximações
e distanciamentos entre o etnógrafo e o
literato*

Anthropology and Literature: approximations and
distances between the ethnographer and the literate

Maria do Socorro Nascimento da Costa¹; Ana Caroline Amorim Oliveira²;
Cristiane Navarrete Tolomei³

Resumo: Entre a Ciência e a Arte é inegável a existência de fronteiras que as mantiveram separadas por um longo período, graças aos deslocamentos teórico-metodológico emergidos depois da metade do século XX, tais fronteiras começaram a ser diluídas. Desse modo, tanto a Arte quanto a Ciência, são atividades humanas e atividades conscientes, todavia, alguns artistas atribuem à sua arte uma gênese do inconsciente. Posto isto, este ensaio, tem por objetivo averiguar as aproximações entre a Antropologia (ciência) e a

¹ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2096-6860>. E-mail: maria.ncosta@hotmail.com.

² Doutora em Antropologia pela Universidade de São Paulo – USP (2018). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade-Pgcult(UFMA) na linha de pesquisa Expressões e Processos Socioculturais. Líder do Grupo de Pesquisa Epistemologia da Antropologia, Etnologia e Política (CNPQ). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9337-6335>. E-mail: ana.caroline.oliveira@gmail.com.

³ Pós-doutora em Fontes Primárias e História Literária pela Universidade Estadual Paulista/UNESP (2013), de Assis, e pós-doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo/USP (2015,2017). Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo/USP (2010). Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Letras (PGLB/UFMA) na linha de pesquisa Literatura, Cultura e Fronteiras do Saber, e do Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade (PGCult/UFMA) na linha de pesquisa Expressão e processos culturais. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7017-0943>. E-mail: cntolomei@yahoo.com.br.

Literatura (arte), analisando os pontos de confluências entre os escritos etnográfico e o texto literário, tal como seus afastamentos também, considerando que ambas as atividades – etnógrafo e literato- se apropriam da linguagem para construir suas narrativas. Para este estudo- de cunho bibliográfico- utilizamos Giddens (2007), Lévi-Strauss (1980), Geertz (1989) e Clifford (2002; 2016), para dar conta da antropologia e, do fazer do etnógrafo; Todorov (2009), Compagnon (2010), Barthes (2007), para sustentar os pressupostos da arte literária e da crítica.

Palavras-chave: Literatura; Antropologia; Etnógrafo; Literato.

Abstract: *Between science and art there have always been frontiers that kept them apart, thanks to the theoretical-methodological shifts that emerged after the middle of the 20th century, such frontiers began to be diluted. Thus, both art and science are human activities and conscious activities. Having said that, this work aims to investigate the approximations between anthropology (science) and literature (art), analyzing the points of confluence between ethnographic writings and literary text, as well as their distances as well, considering that both activities - ethnographic and literate - appropriate language to construct their narratives. For this study - of a bibliographical nature - we will use Giddens (2007), Lévi-Strauss (1980), Geertz (1989) and Clifford (2002; 2016) to report on anthropology and the making of the ethnographer; Todorov (2009), Compagnon (2010), Barthes (2007) to support the assumptions of literary art and criticism.*

Keywords: *Literature; Anthropology; Ethnographer; Literate.*

Introdução

A Arte tem diferentes funções e assume distintos papéis. Ela representa coisas concretas, existentes, mas também pode construir obras partindo somente do campo do abstrato. Seu caráter paradoxal traz, em suas criações e temas, coisas internas e externas à vida do homem. Em outras palavras, na arte literária especificamente, “todo romancista, todo poeta [...] deve falar de objetos e fenômenos mesmo que imaginários, exteriores e anteriores à linguagem: o mundo existe e o escritor fala, eis a literatura”. (BARTHES, 2007, p. 160).

A experiência etnográfica, na antropologia, remete a uma ciência que descreve e transcreve aquilo que observa por meio do seu ofício de autor. Nós leitores, assim como na leitura de um romance – ou qualquer texto literário- somos levados a partilhar a partir do ponto de vista e das lentes do etnógrafo, de uma história, de uma cultura, de hábitos e costumes de um determinado povo, ratificando a ideia: “você está lá... porque eu estava lá” (CLIFFORD, 2002, p. 18), não esquecendo que essa afirmação está carregada de subjetividade, tal como as lentes do literato.

A presente análise está pautada na tentativa de averiguar quais as aproximações e distanciamentos entre essas duas formas de saber no tocante a escrita do antropólogo e do literato, pois, “assim como a ciência, a estética é relativa ao conhecimento, mas [...]”

não se trata de um conhecimento inferior: tem características de um “análogo da razão” e produz o “conhecimento sensível” (TODOROV, 2009, p. 55-56). Desse modo, as perguntas norteadoras para esta discussão foram: existe uma tessitura textual semelhante na escrita do antropólogo e do literato? Quais elementos aproximam os escritos do etnógrafo ao do literato?

As mudanças ocorridas na modernidade, tanto nas artes quanta nas ciências, provocaram aproximações e aberturas para pensar, perceber e compreender o mundo e o homem.

Na abordagem estruturalista, com o antropólogo Claude Lévi-Strauss, as Ciências Sociais ganharam novas perspectivas de análises de cultura, do sujeito e seus hábitos; nas artes não foi diferente, romperam-se alguns paradigmas e conceitos, e Tzvetan Todorov e Roland Barthes, dentro do fenômeno formalista, alargaram a visibilidade do estruturalismo em suas variadas formas de aparecimento, tal como foi um dos principais divulgadores e praticantes dessa abordagem em literatura.

Dessa maneira, este ensaio se justifica pela importância de se estabelecer uma relação entre arte literária e a Antropologia por meio da comparação entre o etnógrafo e do escritor. Para o desenvolvimento desta análise, utilizaremos como aporte teórico os estudiosos da Literatura, Sociologia e, sobretudo, da Antropologia, tais como: Giddens (2007), Lévi-Strauss (1961; 1980; 2012), Geertz (1989) e Clifford (2002; 2016) para respaldar a antropologia e o fazer do etnógrafo; Todorov (2009), Compagnon (2010), Barthes (2007) para sustentar os pressupostos da arte literária e seu fazer.

Modernidade: deslocamentos socioeconômicos e epistemológicos

A modernidade trouxe grandes mudanças socioculturais, econômicas e epistemológicas desde o final do século XV. Segundo alguns estudiosos, como Giddens (2007), Hobsbawn (1995), a era moderna teve como ponto crucial a Revolução Industrial- que aconteceu a partir da metade do século XVIII e XIX- justificando, portanto, as várias mudanças ocorridas na Europa, nesse período e nos posteriores. Mudanças significativas tanto na estrutura social quanto nos aspectos econômicos, culturais e epistemológicos.

O capitalismo deu seus primeiros passos durante a expansão marítima na Idade Moderna, quando os europeus, na intenção de dominar os outros continentes, deram início às Grandes Navegações, acumulando, portanto, grandes riquezas com a exploração dos recursos naturais e da mão de obra local via escravidão dos continentes americano e africano. O pensamento científico ocidental passou por um deslocamento: ao substituir a Idade das “Trevas” pela Idade das “Luzes” - o iluminismo- a modernidade substituiu o teocentrismo pelo antropocentrismo no século XVIII. Com esse deslocamento, no qual os pensadores opunham-se à influência religiosa e dogmática, o pensamento moderno ou a abordagem racional, altera significativamente a forma de perceber o mundo, a natureza e seus fenômenos, as relações socioculturais.

Desse modo, tanto a Revolução Industrial (a partir de 1750) quanto a Revolução Francesa (1789) contribuíram com a mudança na base econômica e na forma de pensar. A emergência do capitalismo na sociedade moderna [e seus reflexos] despertaram o interesse de grandes estudiosos para compreensão dessa época, sobretudo, os sociólogos. Os acontecimentos anteriores - ciência, tecnologia e o pensamento racional- moldaram a cultura industrial e a história; pensadores sociais, como Karl Marx e Max Weber, compartilhavam da ideia de que ao compreender a história, se fazia história e que o desenvolvimento da ciência e da tecnologia ajudariam a tornar o mundo mais estável e ordenado (GIDDENS, 2007). No entanto, o mundo contemporâneo não se encontra como esses pensadores previam, de acordo com Giddens (2007), em vez de o mundo se encontrar sob nosso comando, ele parece cada vez mais em descontrole⁴.

A globalização⁵, como efeito dessas mudanças- ganhou proeminência somente em meados do século XX- fenômeno impulsionado pelo enraizamento do capitalismo, se refere à ideia de que agora vivemos em um único mundo, na qual as fronteiras foram diluídas e reorganizadas. Segundo Giddens (2007), a globalização reestruturou o modo como vivemos e como nos relacionamos nas diferentes instituições que fazemos parte: família, escola, estado e trabalho. Acompanhando essas mudanças, o surgimento de uma nova ciência e seus deslocamentos de perspectiva na contemporaneidade é o que

⁴ O desenvolvimento da ciência e da tecnologia tiveram, em alguns casos, o efeito contrário. A ideia do progresso e da evolução colaboraram tanto para o controle do futuro quanto para o descontrole dele (GIDDENS, 2007).

⁵ A globalização é um termo que não tem um conceito claro, mas compreendemos que tudo que nos rodeia é efeito dela: a tecnologia e a ciência se tornaram globalizadas; o aquecimento global e a economia também são globalizadas (GIDDENS, 2007).

realmente nos interessa nesse estudo. Desse modo, nos interessa o momento em que a Antropologia se consolidou enquanto ciência e quando ela assumiu o estudo do homem na perspectiva cultural, ou seja, uma síntese de seu surgimento, seu campo de estudo e sua abordagem contemporânea.

A consolidação da Antropologia enquanto ciência se deu em virtude do pensamento iluminista, com as pretensas teorias do evolucionismo das ciências naturais e biológicas, na tentativa de explicar a evolução biológica do Homem sapiens tal como sua diversidade fenotípica, corroborando com a legitimidade de discriminação racial e exploração econômica, ou seja, com as teorias eugenistas⁶. E, por esse motivo, alguns antropólogos no século XX, em especial Franz Boas, assumem o papel de investigar a desigualdade das raças bem como a diversidade/desigualdade das culturas humanas, como bem ressalta o antropólogo estruturalista Claude Lévi-Strauss (1980).

Na tentativa de compreender cientificamente a diversidade social, cultural e linguística, a antropologia surge como a ciência que investiga comparativamente, criticamente as condições e possibilidades da vida humana, pois, se no século XIX cabia ao biólogos, sociólogos, historiadores e filósofos, uma chamada filosofia do homem e do mundo, no século XX, gradativamente, os antropólogos passam a desempenhar este papel: “desde alguns anos vem cabendo à antropologia desempenhar esse papel, e hoje é dela também que se esperam as grandes sínteses e, ao mesmo tempo, razões de vida e de esperança” (LÉVI-STRAUSS, 1961, p. 19). Isto é, a antropologia [1860 à 1920] e uma parcela das suas variantes teóricas – evolucionismo, funcionalismo e estruturalismo – tinham como compromisso compreender o outro a partir de leis científicas que concebiam uma natureza homogênea pra todos os seres humanos, isso nas primeiras décadas do século XX sofreu um deslocamento, pois percebeu-se que existia uma pluralidade de cultura e os seres humanos eram heterogêneos em constante transformações (JORDÃO, 2004). O fazer antropológico ganha uma nova metodologia: a observação participante.

⁶ Termo cunhado por Francis Galton tinha como premissa projetar as teorias de Darwin sobre seleção natural à realidade dos seres humanos. Tinha como projeto de pesquisa comprovar que a capacidade intelectual era hereditária, justificando, portanto, o racismo. Arthur de Gobineau é considerado o pai das teorias racistas, segundo Lévi-Strauss, ele afirmava que a humanidade estava condenada a uma mestiçagem cada vez mais desenvolvida. No Brasil, três décadas depois da abolição da escravatura, alguns adeptos se manifestaram, dentre eles, intelectuais, médicos, escritores e empresários: Monteiro Lobato (1882-1948) que até publicou uma obra intitulada “o presidente negro: o choque de raças, em 1926; Renato Kehl (1889-1974) médico e sanitarista.

Jordão (2004), ao traçar um panorama histórico da antropologia, destaca que a década de 1920, sob influência do pensamento funcionalista de Émilie Durkheim, as teorias antropológicas apresentam suas primeiras mudanças sob duas publicações: Radcliffe-Brown com *Os Ilhéus em Andaman* (1922); e *O ensaio sobre o dom* (1925) de Marcel Mauss. A segunda fase de desintegração teórico-metodológica se deu, sobretudo, pela fragmentação do sistema colonial moldado após a Segunda Guerra Mundial (1939).

O totalitarismo⁷ deu lugar à democracia, e os países que ainda viviam sob domínio de seus colonizadores, iniciaram as revoluções pela libertação. A independência desses países culminou em outros movimentos, seja nos países antes colonizados, seja nos países colonizadores. Os deslocamentos epistemológicos que ganharam forma após a década 1950, tinham como premissa a tomada de consciência dos países subalternos, e o questionamento da hegemonia epistemológica por parte do Ocidente, tal como as representações desse povo, construída por séculos, legitimando qualquer preconceito e discriminação.

No que se refere às distinções e conceituações de antropologia, etnologia e etnografia, Lévi-Strauss afirma que a etnografia “consiste na observação e análise de grupos humanos tomados em sua especificidade, visando a restituição, tão fiel quanto possível, de modo de vida de cada um deles”; já a etnologia utiliza “de modo comparativo os documentos apresentados pela etnografia” [também caracterizada por antropologia social e cultural nos países anglo-saxões]; no que tange a antropologia cabe a ela investigar as maneiras de ser e de agir do homem em relação à outros homens e suas diferenças (LÉVY-STRAUSS, 2012). Isto é, uma está imbricada na outra, como atividades correlatas, são etapas que funcionam inseparavelmente na busca de um saber mais sistemático do homem, agora plural e de uma cultura heterogênea.

O processo de descolonização deu mais força aos questionamentos suscitados sobre os métodos e teorias científicas eurocêntricas, cedendo espaço à novos métodos e teorias. Ou seja, muitos estudiosos das antigas colônias [e fora dela], começariam a pensar seus próprios países, [des]contruir representações, elaborar estudos sobre seu povo, cultura e

⁷ O totalitarismo possui cinco fatores essenciais segundo o jurista Franz Neumann (1969): “1) transição de um estado de direito para um estado policial; 2) transição do poder difuso nos estados liberais para a sua concentração no regime totalitário; 3) a existência de um partido estatal monopolista; 4) transição dos controles sociais que passam de pluralistas para totalitários; 5) a presença decisiva do terror como ameaça constante contra o indivíduo”.

identidade, esses países seriam agora pensados de dentro⁸, e não mais seriam representados pelos seus colonizadores.

James Clifford é um exemplo desses estudiosos interdisciplinares que sofreram influências dos estudos culturais de origem anglo-saxônica. Segundo ele, Williams “historicizou essa ideia de ‘cultura’ em suas versões mais literárias e humanista” (CLIFFORD, 2002, p. 253), mas não discutiu tais questões na perspectiva antropológica ou etnográfica, que, até início do século XX, ainda era pensada no singular e binária (superior e inferior). Seguindo esse fenômeno interdisciplinar, a etnografia se coloca como método/atividade utilizada em diferentes áreas em que a cultura é objeto de estudo:

Esse raio de ação de alcance indefinido inclui, para citar algumas perspectivas em desenvolvimento, a etnografia histórica (Emmanuel Le Roy Ladurie, Natalie Davis, Carlo Ginzburg), a poética cultural (Stephen Greenblatt), a crítica cultural (Hayden White, Edward Said, Frederic Jameson), a análise do conhecimento implícito e das práticas cotidianas (Pierre Bourdieu, Michel de Certeau), a crítica das estruturas hegemônicas de sentimento (Raymond Williams), o estudo dos mundos exótico e dos espaços fantásticos (Tzvetan Todorov, Louis Martin) e todos aqueles estudos que abordam sistemas de significados, tradições em conflito ou artefatos culturais. (CLIFFORD, 2016, p. 33-34)

Esses novos grupos de intelectuais, de área interdisciplinar, teceram sérias críticas às representações dos países ditos subalternos até então feitas pelo Ocidente. À antropologia e à experiência etnográfica, foram tecidas as primeiras críticas sobre a confiabilidade das representações feitas, ou seja, de acordo com alguns desses estudiosos se “a escrita etnográfica não pode escapar inteiramente do uso reducionista de dicotomias e essências, ela pode ao menos lutar conscientemente para evitar representar ‘outros’ abstratos e a-históricos” (CLIFFORD, 2002, p. 19). Diante de algumas críticas à antropologia, uma teia complexa de estudos surge, e ela não apresenta uma unidade, apesar de compartilharem de uma certa simpatia.

Clifford (2002, p. 18) afirma que “após a reversão do olhar europeu em decorrência do movimento da ‘negritude’, após a crise de consciência da antropologia em relação ao seu status liberal no contexto da ordem imperialista”, a hegemonia epistemológica

⁸ Os estudos subalternos e/ou estudos Pós-coloniais, são exemplos dessas novas perspectivas teórico-metodológica que surgiram após a década de 1950, mas que ganharam proeminência somente em 1970. São estudiosos, de diferentes áreas do saber, preocupados com as consequências simbólicas, sociais, culturais e econômicas do processo de colonização e da descolonização. Associa-se o surgimento desses grupos à ampliação dos estudos da cultura nas últimas décadas do século XX. Assim, o surgimento dos Estudos Culturais aconteceu sob influências tanto do estruturalismo francês, quando do marxismo Inglês: Roland Barthes e Raymond Williams, respectivamente.

ocidental passa a ser questionada, sendo necessário pensar um mundo de etnografia generalizada. A globalização descortinou cenários, nos quais as representações feitas dos povos subalterno eram claramente ligadas às relações de poder, de conhecimento e de uma cultura superior e singular.

Dito isso, a antropologia social ou cultural⁹ [também denominada de etnologia] enquanto uma das subdivisões da antropologia nos países anglo-saxões [LÉVI-STRAUSS, 2012] tem como atividade teórico-metodológica a etnografia, contrapondo-se a atividade do antropólogo de gabinete¹⁰. Essa nova maneira de coletar dados envolvia a não utilização de categorias ocidentais, tal como uma maior aproximação entre pesquisador e nativo: quer seja no domínio da língua, quer seja na adoção do ponto de vista dos nativos. Sendo, portanto, uma coleta direta, mais minuciosa, com uma descrição de fenômenos e a leitura do que acontece, como aponta Clifford:

O novo teórico-pesquisador de campo desenvolveu um novo e poderoso gênero científico e literário, a etnografia, uma descrição cultural sintética baseada na observação participante (Thornton,1983). O novo estilo de representação dependia de inovações institucionais e metodológicas que contornavam os obstáculos a um rápido conhecimento sobre outras culturas [...]. (CLIFFORD, 2002, p. 27)

Emerge, a partir desses pressupostos, uma vertente que ficou conhecida como crítica pós-moderna. Nessa vertente, a etnografia configura-se como uma produção atravessada por uma co-autoria, haja vista que o pesquisador se insere no cotidiano da comunidade ou do nativo pesquisado [pesquisador-nativo] e estabelece relações com nativos que se tornam seus “informantes”, ou melhor, seus interlocutores. E, na maioria, das vezes, assistentes de pesquisa com os quais o antropólogo constrói uma relação íntima de amizade, tira dúvidas, questiona os significados nativos para compreender melhor aquela cultura/sociedade.

Um outro elemento importantíssimo para se pensar sobre a produção etnográfica é a tessitura textual: uma linguagem que contribuísse para uma “simbiose” entre leitor e autor, ou o que Peirano (1995) chama de “cumplicidade entre leitor e autor”, tendo seu

⁹ A antropologia social se dedica aos estudos das instituições configuradas como sistemas de representações; e antropologia Cultural se dedica às técnicas dessas instituições a serviço da vida social. (LÉVI-STRAUSS,2012)

¹⁰ “Isto é, sentavam-se a uma mesa, geralmente na varanda da casa de um oficial da colônia ou missionário, ou em um convés de navio em trânsito local, e convocavam os nativos, que, enfileirados, esperavam sua vez para fornecer os dados requisitados”. (PEIRANO, 1995, p. 36)

percussor Malinowski (1930-1961) com a famosa expressão “imagine yourself”. A escrita etnográfica passa a ser realizada em primeira pessoa, apresentam-se as dificuldades do trabalho de campo, como os dados foram coletados e por quê.

Clifford (2002) afirma que a antropologia, por meio da etnografia, adquire um caráter interpretativo, tanto no momento da coleta dos dados quanto na análise desses dados, ela interpreta um discurso, e esse é, portanto, o primeiro ponto que a aproxima da literatura e também da crítica literária. Na obra *Interpretação das Culturas* (1989), de Clifford Geertz, encontramos postulações sobre a prática etnográfica e a análise de seus escritos. Tais postulações, apontam o fazer e o escritos etnográficos como uma prática de leitura; e o labor do etnógrafo se fixa no apreender e depois apresentar tais interpretações:

E isso é verdade em todos os níveis de atividades do seu trabalho de campo. Mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico... escrever seu diário. Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não com sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (GEERTZ, 1989, p. 20)

Nessa teoria de Geertz (1989), a cultura é um tipo de documento que precisa ser lido e interpretado. De acordo com esse pressuposto, os textos antropológicos são interpretações, de segunda e terceira mão, construção das construções de outras pessoas. E é a partir dos pressupostos de Geertz e Clifford que iremos desenvolver o tópico posterior, descortinando as principais aproximações e distanciamentos entre o literato e o fazer do etnógrafo.

A figura do literato e suas aproximações com o etnógrafo

No século XIX, acompanhando as mudanças econômicas, sócias, científicas e culturais, a Literatura é separada das chamadas belas-artes que, na acepção clássica, compreendem tudo o que a retórica e a poética podiam produzir (COMPAGNON, 2010), A literatura ocidental aparece substituindo o tradicional sistema de gêneros poéticos (épico e o dramático), na qual a arte poética era o verso. Com os deslocamentos ocorridos no século XIX, o verso foi substituído pela prosa, tanto na narração quanto no drama, isto

é, “por literatura compreendeu-se o romance, o teatro e a poesia” (COMPAGNON, 2010, p. 32), todos identificados com a prosa, exceto a lírica, sendo somente em verso (livre).

Esse novo sentido da literatura alterou todo o seu cenário, seu sistema, o seu valor e as hierarquias, havendo, portanto, um estreitamento do seu conceito no século XIX, literatura passou a ser “[...] os grandes escritores.”, e “[...] alguns romances, dramas ou poemas pertencem à literatura porque foram escritos por grandes escritores (COMPAGNON, 2010, p. 32-33). No século posterior, outras mudanças ocorreram, a literatura ganhou um alargamento tanto no espaço quanto no seu conceito:

Ao lado do romance, do drama e da poesia lírica, o poema em prosa ganhou seu título de nobreza, a autobiografia e o relato de viagem foram reabilitados, e assim por diante. Sob a etiqueta da paraliteratura, os livros para crianças, o romance policial, a história em quadrinhos foi assimilada. (Idem, 2010, p. 34).

A literatura, a teoria e a crítica literária passaram por alguns deslocamentos conceituais e metodológicos, sobretudo no trabalho do literato e nos temas dos seus textos. A literatura ganha função; o cunho estético é acrescido do ético; a relação entre autor e narrador se estreitam; mundo real e mundo ficcional se aproximam; textos literários ganham novas abordagens de análises: as interdisciplinares. A partir desse momento, passemos agora a responder os questionamentos que norteiam este trabalho: existe uma tessitura textual semelhante na escrita do antropólogo (ciência) e do literato (arte)? Quais elementos aproximam os escritos do etnógrafo ao do literato?

Diante desses questionamentos, ao problematizarmos o pensar e o fazer etnográfico, concebemos, neste texto, a aproximação entre a antropologia (ciência) e a literatura (arte) amparada por discussões já estabelecidas por Clifford (2002). Nesse sentido, o labor do literato e do crítico literário é a interpretação, quer seja se uma “realidade”, quer seja de um discurso, como bem ressalta Roland Barthes, na sua obra *Crítica e Verdade* (2007) que, assim como o etnógrafo, o literato e o crítico literário interpretam um mundo e o discurso do outro, ambas as atividades constituem um discurso sobre um discurso existente (BARTHES, 2007).

Os textos literários e as análises dos textos literários são denominadas como “[...] uma linguagem segunda ou metalinguagem, que se exerce sobre uma linguagem primeira”. (BARTHES, 2007, p. 160). Percebamos aqui como ambas as atividades são semelhantes ao do etnógrafo na produção e na análise dos seus escritos, ou seja, na coleta

de dados. Eles buscam interpretar não o que está visível, mas sim aquelas informações que estão de fundo ou nas entrelinhas do fenômeno ou da coisa que se está construindo a “leitura”.

Nessa esteira, as representações feitas pelo literato e as descrições feitas pelo etnólogo, podem ser lidas tanto como fatos quanto como ficção. Todavia, pensar na antropologia e na literatura como duas formas de fazer representações é um modo perigoso de tirar o caráter científico da antropologia, ameaçando, portanto, o status objetivo do conhecimento antropológico. Mas o fato é, temos que problematizar as construções narrativas do antropólogo, pois quando ele se apropria da etnografia como técnica de coleta de dados - selecionando o que vai ou não ser documentado, tomando suas referências como norte - ele já está construindo ficções¹¹; visto que os escritos do etnógrafo também podem ser uma ficção, pois passam por uma seleção de fenômenos e discursos, e isso lhe confere um caráter subjetivo.

Sendo assim, sabemos que a ferramenta fundamental de trabalho do literato é a linguagem, é por meio dela que ele constrói um mundo imaginário (mundo possível) e representa um mundo “real”. Ao fazer isso, ele se apropria da literariedade, “constituída pelas metáforas, as metonímias, as sonoridades, os ritmos, a narratividade, a descrição, os personagens, os símbolos, as ambiguidades e alegorias, os mitos e outras propriedade” (SAMUEL, 2002, p. 7-8). Tais propriedades podem também ser encontradas na escrita do etnógrafo, pois de acordo com Clifford (2016), a etnografia está imersa na escrita, do começo ao fim; ou seja, linguagem também é uma ferramenta fundamental do etnógrafo.

A escrita não é mais uma dimensão marginal, ou oculta, mas vem surgindo como central para aquilo que os antropólogos fazem, tanto no campo quanto no que a ele se segue. O fato de que até recentemente a escrita não tenha sido retratada ou seriamente discutida reflete a persistência de uma ideologia que reivindica a transparência de representação e o imediatismo da experiência. (CLIFFORD, 2016, p. 32).

Clifford cunhou o termo meta-etnógrafo na tentativa de desconstruir a etnografia clássica, positivista e objetivista, e apontar as aproximações entre escrita etnográfica e o texto literário. O autor argumenta que a observação participante está intrinsecamente

¹¹ “Trata-se, portanto, de ficções, ficções no sentido de que são ‘algo construído’, ‘algo modelado’” (GEERTZ, 2008, p. 26). Portanto, ele toma o fazer etnográfico como uma interpretação ou análise de fenômeno, sendo estes uma hierarquia estratificada de estruturas significantes, percebidos e interpretados.

associada à escrita, e traça uma formação e desintegração da autoridade etnográfica na antropologia social do século XX. Dito isso, há de se tomar cuidado, como bem demarca Clifford, que quaisquer das representações realizadas, mesmo que a partir de métodos científicos bem delineados, não garantem a veracidade de tais representações.

Diante desse contexto, pensemos agora numa escrita etnográfica que pode representar ou não o real. É mediante interpretações culturais que a etnografia produz escritos específicos, é uma tradução das experiências e das vivências do campo de pesquisa para uma forma textual. Esse fazer do etnógrafo é carregado de subjetividade, relações de poder, escolhas, exclusão e atravessamentos políticos e referenciais, todas essas características são alheias a vontade do escritor; todavia, os escritos etnográficos ainda têm um status de provedora da verdade, pois está pautada em teorias científicas, ou seja, o etnógrafo vai para o campo somente à luz de uma teoria (de várias teorias).

Diante disso, assim como o etnógrafo, o literato faz escolhas, exclusões; seu fazer é atravessado por ideologias e referências, como aponta Estudos Culturais¹². O literato constrói em suas ficções representações das representações de um mundo; a linguagem, a cultura, o espaço, as ações do homem, seres, todos os objetos e fenômenos, internos e externos ao mundo real, fazem parte do fazer do literato. Porém, não devemos esquecer que apesar do texto literário ser da ordem do verosímil, mundo real e mundo possível dialogam, confrontam-se e até se complementam.

Nessa perspectiva, o fazer do etnógrafo e do literato configuram-se em criações e artifícios literários. O etnógrafo constrói mundo através da experiência; e o literato pela imaginação, ambos imersos em uma atividade textual. O etnógrafo, tal como o literato, também utiliza forma estética para suas construções e envolvimento do leitor. Assim, Clifford, ao analisar trechos de registros etnográficos, já analisados e interpretados, aponta alguns elementos que podemos encontrar tanto nos textos literários quanto nos registros etnográficos:

[...] a construções em segunda pessoa une o leitor e o nativo numa participação textual”; “[...] a descrição direta de um acontecimento típico [...] evoca a cena por meio das metáforas” [...] “um argumento sobre tradução transforma-se numa ficção de participação e em seguida numa fusão metafórica de descrições

¹² Um campo de investigações no campo interdisciplinar, emergido a partir dos anos 60, que teve sua gênese na Inglaterra com a criação do departamento Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), com contribuições da teoria literária francesa e inglesa.

culturais estrangeiras e nativas [...] realiza-se, assim, a união subjetiva de análise abstrata com experiência concreta. (CLIFFORD, 2002, p. 33)

Notamos como a escrita etnográfica, tal como o texto literário, tem o leitor como construtor de seu sentido, a teoria literária mais recente ratifica esse tripé: texto, leitor e coerência. Ademais, assim como a literatura, a antropologia, por meio do método etnográfico- possui elementos de uma narrativa, estruturas discursivas, estratégias textuais (tessituras), autoria plural, alegorias e percepção estética.

[...] o etnógrafo sempre vai embora, levando com ele textos para posterior interpretação (e entre estes “textos” que são levados podemos incluir as memórias- eventos padronizados, simplificados, retirados do contexto imediato para serem interpretados numa reconstrução e num retrato posteriores). O texto, diferentemente do discurso, pode viajar. Se muito da escrita etnográfica é produzido no campo, a real elaboração de uma etnografia é feita em outro lugar. Os dados constituídos em condições discursivas, dialógicas, são apropriados apenas através de formas textualizadas. Os eventos e os encontros da pesquisa se tornam anotações de campo. As experiências tornam-se narrativas, ocorrências significativas ou exemplos. (CLIFFORD, 2002, p. 40)

Como sabemos, devido ao status científico- não há somente aproximações entre o fazer do etnógrafo e do literato, há também distanciamentos. A interpretação do registro etnográfico, a tradução da experiência da pesquisa “num corpus textual”, distanciado, portanto, das questões inerentes a ocasiões “discursivas de produção”, é o que conferi a autoridade etnográfica. Apesar desse momento conferir estratégias de autoridade, não podemos esquecer que ao narrar eventos, por mais que estejam incorporados em teorias científicas, os etnógrafos se apropriam de artifícios literários para construir suas narrativas com explicações ou descrições de uma determinada cultura. Ou seja, apesar de utilizar a linguagem e alguns elementos estruturais de um texto literário, é a experiência e a interpretação que validam sua autoridade, além é claro da teoria científica incorporada para a realização da atividade em campo (fusão da teoria e empirismo).

A interpretação da cultura é o que aproxima literato a etnografia (arte e ciência); o distanciamento entre autor e texto é necessário. A escrita etnográfica, à medida que constrói uma multisubjetividade, livre de controle, ganha coerência através de atos específicos de leitura. Tal como o literato, o etnógrafo produz, deduz, significa, constrói verdade. Generalizações são inventadas e aceitáveis:

É tentador comparar o etnógrafo com o intérprete literário (e esta comparação é cada vez mais um lugar-comum) mas mais especificamente com o crítico tradicional, que encara como sua a tarefa de organizar os significados não controlados em um texto numa única intenção coerente [...] o processo de pesquisa é separado dos textos que ele gera e do mundo fictício que lhes cabe evocar. (CLIFFORD, 2002, p. 42)

A teoria literária, ao longo dos anos, passou por várias mudanças de paradigmas. A morte do autor e a separação entre autor e narrador, de acordo com os formalistas russos e o *new critics*, asseguraria a independência dos estudos literários. Pois, analisar um texto literário somente sob a perspectiva da intenção do autor, seria limitar a interpretação, tornando, portanto, a crítica literária inútil.¹³

A antropologia interpretativa, quando analisa cultura como textos, faz um trabalho semelhante ao do crítico e do literário, investiga e descreve, por meio de uma linguagem poética e/ou crítica, eventos e o funcionamento de uma cultura. A intenção do autor pode ser um dos elementos interpretados, mas não o único. A cultura, enquanto “texto”, dispõe de uma análise complexa e densa, que envolve discursos e polifonia de vozes, análise linguística e poética, relações de poder e hegemonia cultural. Portanto, começa a se questionar a escrita monográfica da experiência etnográfica, tal como a sua autoridade. O processo de colonização e descolonização, sobretudo as representações “colonial”, permitiram a emergência dessa crise de autoridade:

Em seus principais aspectos realistas, porém, não escapa aos limites gerais apontados por aqueles críticos da representação “colonial” que, desde 1950, tem rejeitado discursos que retratem as realidades culturais de outros povos sem colocar sua própria realidade em questão. Nas pioneiras críticas de Michel Leiris, e nas de Jacques Maquet, Talal Asad e muitos outros, a qualidade de não-reciprocidade da interpretação etnográfica tem sido questionada (Leris, 1950; Maquet, 1964; Asad, 1973). Consequentemente, nem a experiência nem a atividade interpretativa do pesquisador científico podem ser consideradas inocentes. (CLIFFORD, 2002, p. 43)

Diante dessa crise, emergindo, portanto, postulações sobre a referencialidade e a polifonia no processo de registro e interpretação, possibilitando o deslocamento da forma como a etnografia era concebida, saindo da “experiência e interpretação de uma ‘outra’ realidade circunscrita” para “uma negociação construtiva envolvendo pelo menos dois, e

¹³ “As obras de arte transcendem a intenção primeira de seus autores e querem dizer algo de novo a cada época. A significação de uma obra não poderia ser determinada nem controlada pela intenção do autor [...] (COMPAGNON, 2010, p. 84)

muitas vezes mais, sujeitos conscientes e politicamente significativos” (CLIFFORD, 2002, p. 43).

Esse discurso múltiplo em sua construção, uma das características da narrativa ficcional, sobretudo o romance, é mais um elemento que aproxima o fazer do etnógrafo e do literato. Ademais, pensar nas aproximações e distanciamentos entre os modos de pensar e interpretar o mundo, constitui, primeiramente, uma maneira de aproximar arte e ciência, corroborando com os pressupostos contemporâneos, inovadores e desconstruídos.

Considerações Finais

O entrelaçar entre antropologia e literatura, não está somente nos elementos literários e/ou estruturas narrativas, mas também nas formas como os fenômenos culturais são registrados, desde a observação aos atos de leituras específicos, como ressalta Clifford (2002). Notamos muitas aproximações entre literatura e a etnografia. A primeira, e a principal, é a linguagem; os etnógrafos, assim como o literato, se apropria da linguagem para construir suas respectivas ficções (no sentido de ser modelado ou parcialmente verdadeiro); depois vêm os procedimentos e estruturas literárias, que são apropriados para representar as culturas; elementos ligados à forma, também são utilizados, tanto para aproximar o leitor e quanto para produzir sentidos de interpretação.

Sobre os distanciamentos, o principal é o objetivo e o compromisso com a “realidade”. A literatura, na abordagem dos estudos culturais, produz conhecimento, mas na abordagem tradicional da teoria literária, qualquer objetivo desnatura a arte; e ela não tem compromisso com o real. A etnografia, imbuída de uma teoria, tem compromisso com o real e tem objetivo bem delineado.

Referências

BARTHES, Roland. O que é a Crítica. In: **Crítica e Verdade**. Tradução: Leyla Perrone-Moises. São Paulo: Perspectiva, 2007.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Forte Santiago. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica:** antropologia e literatura no século XX. Org. José Reginaldo Santos Gonçalves. 2 ed. Rio de Janeiro: 2002.

CLIFFORD, James; MARCUS, George E.. **A escrita da cultura: poética e política da etnografia.** Tradução: Maria Claudia Coelho. Rio de Janeiro: ed. UFRJ, 2016.

GEERTZ, Clifford. **As interpretações das Culturas.** Rio de Janeiro: ed. Guanabara Koogan, 1989.

GIDDENS, Anthony. **O mundo em Descontrole.** Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges, 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos:** o breve século XX: 1914-1991. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JORDÃO, Patrícia. **A Antropologia Pós-Moderna: Uma Nova Concepção Da Etnografia E Seus Sujeitos.** Revista de Iniciação Científica da FFC, v.4, n.1, p 35-51, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A crise moderna da antropologia.** Courier de Únesco, ano XIV, Nº 11, Novembro de 1961.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A noção de estrutura em etnologia. **Raça e História.** Totemismo Hoje. Tradução: Eduardo P. Graeff. São Paulo: abril cultural, 1980.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural.** Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Ubu, 2012.

NEUMANN, Franz. **Estado Democrático e Estado Autoritário.** Tradução: Luiz Corção, Rio de Janeiro: Zahar Ed.. 1969.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia.** Rio de Janeiro : Relume-Dumará, 1995.

SAMUEL, Roger. **Novo Manuel de teoria Literária.** Petrópolis - RJ : Editora Vozes, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Tradução: Caio Meires. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.